

**O ETHOS DISCURSIVO E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE:
ANÁLISE DISCURSIVA DO POEMA “CARTEIRA DE IDENTIDADE”,
DE MAHMUD DARWICH**

Anselma Garcia de SALES¹

RESUMO: A criação do Estado de Israel, em 1948, provocou grandes transformações que influenciaram a vida cultural e política da Palestina. No caso da poesia, observa-se a partir de 1948 a presença de temas que tratam da resistência e da afirmação da identidade. Assim, o presente trabalho terá como objetivo analisar, sob a ótica da Análise de Discurso, um *corpus* representativo da poesia palestina após 1948, de modo a compreender de que forma o confronto entre o simbólico e o político representa as relações entre o *ethos* discursivo e a construção da identidade num momento histórico particular.

Palavras-chave: Literatura e Resistência; Poesia Palestina; Identidade; Análise de Discurso.

ABSTRACT: The creation of Israel State, in 1948, had caused many changes that had an influence on palestinian culture and politics. After 1948, the palestinian poetry started to talk about resistance and affirmation of the identity. Thus this work has an intention to analyse, by Discourse Analysis, a representative *corpus* of the palestinian poetry wrote after 1948, in order to understand how the confrontation between the symbolic and the political represents the relations between the discursive *ethos* and the construcion of identity.

Keywords: Literature and Resistance; Palestinian Poetry; Identity; Discourse Analysis.

1. Introdução

A poesia, enquanto manifestação das vozes de uma memória coletiva, tem como finalidade promover a comunhão entre o eu-lírico e seu objeto poético. Nesse lugar os elementos de conjunção entre o vate e seu povo correspondem aos laços identitários reafirmados – sobretudo, numa conjuntura tensa – como forma de ressacralização da lírica coletiva ou, no caso da poesia palestina, como instrumento de resistência.

As finalidades da poesia palestina de resistência superam os propósitos poéticos clássicos de fruição (*placere*) e ensinamento (*docere*), que correspondem, na obra em questão, às funções de denúncia e mobilização. A denúncia no lugar da fruição vem a ser a catarse de um sentimento de indignação frente à realidade aniquiladora e a mobilização, no lugar de ensinamento, diz respeito à experiência da resistência que engloba todas as ações empreendidas para suspender a situação de opressão.

A poesia palestina de resistência é, portanto, “uma narrativa mítica de um drama

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Cultura Árabe na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Email: anselmag@hotmail.com.

proferido pelo poeta em nome de seu povo” (Carré, 1972, p. 38) e, por isso, uma análise discursiva dessa poesia deve levar em conta a constituição do sujeito no e pelo discurso, como forma de compreensão de uma identidade que emerge num momento histórico específico.

Desse modo, o presente estudo se propõe a analisar, sob a ótica da Análise de Discurso, o recorte de um *corpus* representativo da poesia palestina de resistência: o poema “Carteira de Identidade”, de Mahmud Darwich, de modo a estabelecer a relação entre o *ethos* discursivo e a construção da identidade.

2. *Ethos* retórico e *ethos* discursivo

O *ethos* (imagem de si) juntamente com o *pathos* (sensibilidade do outro) e o *logos* (saber discursivo) são componentes da retórica. O *eu*, ou seja, o *ethos* é uma instância retórica por excelência, de acordo com Meyer,

o *ethos* é uma excelência que não tem objeto próprio, mas se liga à pessoa, à imagem que o orador passa de si mesmo, e que o torna exemplar aos olhos do auditório, que então se dispõe a ouvi-lo e a segui-lo. As virtudes morais, a boa conduta, a confiança que tanto umas quanto outras suscitam conferem ao orador uma autoridade. O *ethos* é o orador como princípio (e também como argumento) de autoridade. A ética do orador é seu “saber específico” de homem, e esse humanismo é a sua moralidade, que constitui fonte de autoridade. Evidentemente, liga-se ao que ele é e ao que ele representa. (Meyer, 2007, pp. 34-35)

Considerando-se que o caráter pragmático da Retórica é a preocupação com as questões sociais, é possível afirmar que o *ethos* na sociedade será sempre retórico, ou seja, será constituído por meio do discurso numa relação de interação de diversos fatores, segundo Maingueneau (2006, p. 270),

O *ethos* de um discurso resulta de uma interação de diversos fatores: o *ethos* pré-discursivo, o *ethos* discursivo (*ethos* mostrado), mas também os fragmentos de texto em que o enunciador evoca sua própria enunciação (*ethos* dito), diretamente (“é um amigo que vos fala”) ou indiretamente, por exemplo, por meio de metáforas ou alusões de outras cenas da fala. (...) O *ethos* efetivo, aquele que é construído por um dado destinatário, resulta da interação dessas diversas instâncias, cujo peso respectivo varia de acordo com os gêneros do discurso.

O *ethos* efetivo, no caso do gênero lírico, tem sua constituição fundada na imagem que o eu-lírico pretende forjar a partir da percepção que outrem teria de si, assim, se o *ethos* que emerge do poema se pretende ver como traído ou desprezado o fará valendo-se de argumentos que comporão a imagem que se intenciona criar. Nos exemplos abaixo, extraídos,

respectivamente dos cancioneros medieval (Berardinelli, 1996, p. 28) e moderno (Buarque, 1972), observa-se que o eu-lírico no primeiro caso, lança mão do argumento *ad misericordiam* e, no segundo, do argumento *ad hominem*, conforme podemos constatar nos versos em destaque:

Senhora minha, desde que vos vi,
lutei para ocultar esta paixão
que me tomou inteiro o coração;
mas não o posso mais e decidi
que saibam todos o meu grande amor,
**a tristeza que tenho, a imensa dor
que sofro desde o dia em que vos vi.**

**Quando souberem que por vós sofri
Tamanha pena, pesa-me, senhora,
que diga alguém, vendo-me triste agora,
que por vossa crueza padeci,**
eu, que sempre vos quis mais que ninguém,
e nunca me quiseste fazer bem,
nem ao menos saber o que eu sofri.

E quando eu vir, senhora, que o pesar

Atrás da Porta

Quando olhaste bem nos meus olhos
E o teu olhar era de adeus
Juro que não acreditei
Eu te estranhei, me debrucei
Sobre o teu corpo e duvidei
E me arrastei e te arranhei
E me agarrei nos teus cabelos
Nos teus pêlos, teu pijama
Nos teus pés, ao pé da cama

Sem carinho, sem coberta

**que me causais me vai levar à morte,
darei, chorando minha triste sorte:
"Senhor, porque me vão assim matar?"
E, vendo-me tão triste e sem prazer,
todos, senhora, irão compreender
que só de vós me vem este pesar.**

Já que assim é, eu venho-vos rogar
que queirais pelo menos consentir
que passe a minha vida a vos servir,
e que possa dizer em meu cantar
que esta mulher, que em seu poder me tem,
sois vós, senhora minha, vós, meu bem;
graça maior não ousarei rogar.

Afonso Fernandes

No tapete atrás da porta
Reclamei baixinho
**Dei pra maldizer o nosso lar
Pra sujar teu nome, te humilhar
E me vingando a qualquer preço
Te adorando pelo avesso**
Pra mostrar que inda sou tu
Só pra mostrar que inda sou tua...

Chico Buarque

Vê-se, portanto, que é bastante tênue a ligação entre o discurso retórico e o discurso literário no que diz respeito à constituição do sujeito e à argumentação, nos exemplos acima se constata o entroncamento desses discursos. Com relação a essa relação entre discurso retórico e discurso literário Barilli afirma:

Mas vê-se que deste modo uma forma pertencente ao âmbito do discurso científico, como é o caso do discurso retórico, começa a assumir consistentes aspectos estéticos, até quase estabelecer uma ponte intermediária, entre as duas esferas, e confirmar a utilidade de não as separar entre si com cesuras intransponíveis, mas sim de as considerar como pólos cujos efeitos podem cruzar-se, compenetrar-se. O fato é

que é bastante exíguo o passo para passar, da prática do discurso retórico, à de certos gêneros poéticos, à confecção dos textos habitualmente breves que se reconhece como caráter lírico. (Barilli, 1992, p. 86)

Entretanto, dado o exposto, é possível afirmar que o *ethos* se constrói no discurso numa relação que supõe a existência de várias instâncias enunciativas que impõem ao discurso um caráter interativo, haja vista que o discurso se realiza numa situação comunicativa determinada sócio-historicamente, nos dizeres de Maingueneau (2006, p. 269):

- o *ethos* é uma noção discursiva, ele se constrói através do discurso, não é uma “imagem” do locutor exterior a sua fala;
- o *ethos* é fundamentalmente um processo interativo de influência sobre o outro;
- é uma noção fundamentalmente híbrida (sócio-discursiva), um comportamento socialmente avaliado, que não pode ser apreendido fora de uma situação de comunicação precisa, integrada ela mesma numa determinada conjuntura sócio-histórica.

Veremos a seguir, na análise do poema “Carteira de Identidade”, como o *ethos* se constrói discursivamente, porém antes, faz-se necessário contextualizar as condições de produção do poema por meio de uma breve biografia de seu autor.

3. Análise do poema “Carteira de Identidade, de Mahmud Darwich

Mahmud Darwich nasceu em 1941 na cidade de Berwa, região da Galiléia. Em 1948, em meio aos acontecimentos da guerra que resultou na criação do estado israelense, a família do poeta foge da cidade rumo ao Líbano, na condição de refugiados. Dois anos mais tarde, Darwich retorna clandestinamente à Palestina e se descobre exilado na sua própria terra.

Na Palestina ocupada, o poeta passa a fazer parte de grupos de oposição a Israel, como o *Al Ard* (A Terra). Filia-se ao Partido Comunista em 1960, trabalhando como redator-chefe da revista *Al Jadid* (publicação árabe do partido comunista israelita Rakah). Após constantes prisões, por conta da sua atuação política e pela condição de clandestino a ele imposta, Darwich parte no ano de 1970 para o exílio, do qual retorna apenas em 1995. Atualmente vive em Ramallah, na Cisjordânia.

A poesia de Darwich reflete o exílio enfrentado pelo povo palestino, no entanto, a experiência mais dolorida desse exílio, é aquela vivida dentro da própria pátria, conforme relata o poeta:

Se eu quisesse hoje fazer um balanço dessa experiência, da experiência de um refugiado em nosso próprio país, diria que isso poderia levar ao suicídio muito mais do que a experiência do exílio propriamente dito. No exílio, a gente pode pelo menos experimentar o sentimento da espera, o sentimento de que o drama é transitório, coisa que pode manter um sopro de esperança. (...) Quanto à outra experiência, a do refugiado em sua pátria, é mais difícil de justificar e de apreender nos limites de uma consciência de criança. Segue-se o esmagamento e a humilhação até os sonhos. (Darwich, 1981, p. 141)

O *ethos* que resiste ao exílio é expresso de maneira notável no poema “Carteira de Identidade”, em que Darwich nos mostra a reação de um palestino diante de uma barreira militar, expressão do exilado em sua própria terra.

Carteira de identidade ²	Sou árabe
Toma nota!	Cabelos negros
Sou árabe	Olhos castanhos
Número da identidade: 50 mil	E o que mais?...
Número de filhos: oito	A cabeça coberta com keffiyya e cordão
e o nono... já chega depois do verão	Dura como pedra
E vais te irritar por isso?	Rija no toque a palma da mão...
Toma nota!	E o melhor pra comer?
Sou árabe	Azeite e zaatar
Trabalho numa pedreira	O endereço?
Com meus companheiros de dor	Uma aldeia isolada... esquecida
Pra meus oito filhos	De ruas sem nome
O pedaço de pão	E homem...
as roupas e os livros	No campo e na pedra...
arranco da rocha...	E vais te irritar por isso?
Não mendigo esmolos à tua porta,	
nem me rebaixo	Toma nota!
no portão do teu palácio	Sou árabe
E vais te irritar por isso?	Arrancaste as vinhas de meu avô
	a terra que eu arava
Toma nota!	Eu, os filhos, todos
Sou árabe	Nada poupaste...
Sou nome sem sobrenome	Pra nós, pros netos
Paciência sem fim	Só pedras, pois não
Num país onde tudo o que é	E o governo, o teu, já fala em tomá-las
Ferve na urgência da fúria	Pois então!
Minhas raízes...	
Antecedem	Toma nota!
o nascimento do tempo	No alto da primeira página
o princípio das eras	Não odeio ninguém
o cipreste e a oliveira	Não agrido ninguém
a primeira das ervas	Ao sentir fome, porém,
	Como a carne de quem me viola
Meu pai...	Atenção... cuidado...
De família na terra	Com minha fome... com minha fúria.
Sem nobreza entre os seus	
Meu avô	
De presença no arado	
Nem distinto nem bento	
Sem nome nem renome	
Sem papel nem brasão	
Minha casa, só choça no campo	
de troncos e tábuas	
E ela te agrada?	
Sou nome sem sobrenome!	

Mahmud Darwich

Toma nota!

² Tradução de Paulo Daniel Farah.

A força elocucionária do verso que inicia o poema se justifica pela situação de tensão enfrentada por um palestino que, ao passar por uma barreira militar, é obrigado a informar sua identidade. Porém, sua identidade não é um atributo individual, no poema ela abrange uma coletividade que necessita reforçar sua existência num momento em que ela lhe tem sido negada. Assim, o *ethos*, através da linguagem, impõe a si uma identidade coerente com o mundo no qual ele se insere, daí, sendo esse mundo violento e opressor, se justifica sua fala incisiva, áspera: “Ao sentir fome, porém, / Como a carne de quem me viola / Atenção... cuidado... / Com minha fome... com minha fúria”.

Os elementos que são característicos do *ethos* em questão – número de filhos, lugar onde trabalha e mora, maneira como se veste – compõem a maneira de ser que remete o tempo todo à necessidade de resistir, assim, esse modo de viver corresponde também a uma maneira de dizer, através da qual se observa em todo o poema o efeito alegórico da resistência: “Pra meus oito filhos / O pedaço de pão / as roupas e os livros / arranco da rocha... Sou árabe / Cabelos negros / Olhos castanhos E o que mais?... / A cabeça coberta com *keffiyya* e cordão / Dura como pedra / Rija no toque / a palma da mão...”

Essa maneira de vestir, de movimentar e de falar é indissociável da voz que se identifica no poema, desse modo, o valor desse *ethos* corresponde ao de um “fiador” que atribui para si uma identidade coerente com o mundo que ele apresenta: “Sou árabe / Sou nome sem sobrenome / Paciência sem fim / Num país onde tudo o que é / Ferve na urgência da fúria”.

Vê-se, portanto, que a concepção de *ethos* presente no poema permite a articulação da linguagem a um corpo, uma vez que a identidade que o texto constrói não é apenas dada por um estatuto (de palestino, de refugiado), mas por uma voz articulada a um corpo historicamente constituído: “Minhas raízes... / Antecedem / o nascimento do tempo / o princípio das eras / o cipreste e a oliveira / a primeira das ervas”.

A respeito dessa concepção de *ethos*, afirma Maingueneau (2006, pp. 271-272):

Isto significa que optamos por uma concepção primordialmente “encarnada” do *ethos*, que, dessa perspectiva, abrange não apenas a dimensão verbal, mas igualmente o conjunto de determinações físicas e psíquicas vinculadas ao “fiador” pelas representações coletivas. Este vê atribuídos a si um caráter e uma corporalidade cujo grau de precisão varia de acordo com o texto. O “caráter” corresponde a um conjunto de características psicológicas. A “corporalidade”, por sua vez, associa-se a uma compleição física e a uma maneira de se vestir. Além disso, o *ethos* implica uma maneira de se movimentar no espaço social, uma disciplina tácita do corpo apreendida mediante um comportamento global. O destinatário o identifica com base num conjunto difuso de representações sociais avaliadas de modo positivo ou

negativo, de estereótipos que a enunciação contribui para confirmar ou modificar.

4. Considerações finais

O discurso literário, enquanto lugar de revelação dos processos identitários, compreende relações diversas entre os elementos que o constitui, tais como língua, história, sujeitos e sentidos, que, por sua vez, irão compor o *ethos* discursivo, representação do *ethos* do enunciador. Porém, tal representação que emerge do texto não faz do *ethos* discursivo, uma mera imagem do enunciador, pois, sendo o *ethos* sócio-historicamente constituído, o sujeito enunciador e sua voz estarão necessariamente vinculados a uma conjuntura histórica (e política) e à imagem que o público irá construir desse *ethos*.

No caso da poesia palestina de resistência, observa-se que ela vem a ser um lugar possível de (re)construção da identidade:

A literatura palestina se mostra aí uma escritura de resistência no sentido da sobrevivência, da continuidade da vida. Se há uma ruptura na continuidade do sentido de lugar, a escritura pode instaurar uma continuidade que é a da busca, da descoberta, e do lugar e do si mesmo no lugar. (Farah, 2004, p. 62)

Portanto, o conceito de *lugar*, aqui se amplia: pode tanto remeter ao espaço físico como ao *lugar* (histórico) de onde fala o sujeito e a partir do qual aquilo que ele vai dizer se reveste ainda mais de sentido. No caso da construção do *ethos* palestino de resistência, a concepção de *lugar* comporta as dimensões físicas e discursivas (terra e história), nos dizeres de Lineide Salvador Mosca (2004, pp. 132-133):

Acresce ainda que este sujeito, individual ou coletivo, pronuncia-se de um lugar específico, de um posicionamento determinado, que condicionam os modos e os limites de sua inserção no discurso que produz. Ao leitor/ouvinte crítico, não escapa esse lugar de onde fala o sujeito, permitindo-lhe alcançar a intencionalidade do texto. Ainda que guardados os princípios elocucionais da clareza e da concisão, emerge a subjetividade aqui e acolá nos mínimos traços requeridos pela discursivização. Enfim, a voz autoral não passa despercebida, mesmo quando se pretende fazê-lo.

REFERÊNCIAS

BARILLI, R. **Curso de Estética**. Lisboa: Editorial Estampa, 1992.

BERARDINELLI, C. **Cantigas de trovadores medievais em português moderno**. Rio de Janeiro: Simões, 1996.

BUARQUE, C.; HIME, Francis. (1972) Disponível em http://www.chicobuarque.com.br/construcao/mestre.asp?pg=atrasda_72.htm. Acesso em 03 de junho de 2008.

CARRÉ, O. **L'idéologie Palestinienne de Résistance**. Paris: Foundation Nationale des Sciences Politiques, 1972.

DARWICH, M. Autoretrato. In: LAABI, A. **Poesia Palestina de Combate**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1981

FARAH, P. D. **Geografia da Ausência: O espaço na Literatura Palestina (da Terra Natal ao Brasil)**. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2004.

MAINGUENEAU, D. **Discurso Literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

MEYER, M. A **Retórica**. São Paulo: Ática, 2007.

MOSCA, L.S. A teoria perelmaniana e a questão da afetividade. In: OLIVEIRA, E. C. (org.) **Chaim Perelman: direito, retórica e teoria da argumentação**. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana/ Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisa em Filosofia, 2004.